



A produção da (in)coerência textual em falas públicas de Dilma Rousseff

Palavras-Chave: coerência textual; progressão textual; Dilma Rousseff

Autores(as):

Victor Aparecido dos Reis Oliveira [IEL]

Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva (orientadora) [IEL]

INTRODUÇÃO

Dilma Rousseff é uma agente notável do campo político brasileiro. Sua atuação nesse campo começa no movimento estudantil, atuando em organizações de esquerda que articularam a resistência à ditadura militar instaurada em 1964. Nesse período, Rousseff foi perseguida, capturada e torturada pelos militares devido às atividades consideradas subversivas que desempenhava nessas organizações. Na Nova República, ocupou cargos importantes, relacionados à sua formação em Ciências Econômicas, em secretarias municipais e estaduais gaúchas. No nível federal, tornou-se a primeira ministra de Minas e Energia e, posteriormente, a primeira ministra-chefe da Casa Civil. Em sequência, foi (re)eleita presidenta, tornando-se a primeira mulher a ocupar a Presidência da República.

Embora Rousseff seja um sujeito de competência aparentemente inquestionável em vista do importante papel desempenhado nos cargos públicos ocupados por ela, algumas de suas falas enquanto presidenta da República foram avaliadas como construções incoerentes por seus interlocutores, em especial por agentes jornalísticos.

Nos apoiamos nas teorias do texto construídas no campo da Linguística Textual para tentar compreender como foi construída a suposta incoerência textual sobre as falas da presidenta Rousseff que compõem o *corpus* de nossa pesquisa. Selecionamos algumas das falas públicas da presidenta Rousseff e investigamos quais são as estratégias textuais-discursivas utilizadas por ela nas falas selecionadas. Foram selecionadas falas de Rousseff que repercutiram amplamente em diversos contextos de circulação, sendo as repercussões em grande medida devido às percepções de incoerência textual construídas sobre essas falas. Também observamos algumas repercussões jornalísticas dessas falas que circulam ainda hoje em veículos de comunicação brasileiros.

A seguir, apresentaremos brevemente uma das falas que compõem o nosso *corpus*: a fala de Rousseff em 23 de junho de 2015 durante a cerimônia de lançamento do 1º Jogos Mundiais dos Povos Indígenas ocorrida no Estádio Mané Garrincha em Brasília. Enquanto exaltava as populações indígenas brasileiras com sua fala, Rousseff decide fazer uma homenagem ao importante alimento-base dessas comunidades, a mandioca. Essa homenagem repercute amplamente em matérias jornalísticas, como nas colunas da Revista Veja que apresentaremos.

METODOLOGIA

Compreendemos a coerência textual como um “princípio de interpretabilidade” (KOCH; TRAVAGLIA, 2021: p.21; BENTES, 2012: p.274). A coerência reveste uma sequência linguística de forma que ela seja reconhecida como um texto, lhe conferindo textualidade e permitindo aos possíveis interlocutores construir uma “unidade significativa global” a partir desse texto e na interação com o seu produtor. Um texto é considerado coerente quando os falantes conseguem calcular os sentidos que julgam adequados para a situação na qual esse texto é recepcionado, desse modo sendo fundamental levar em conta “elementos cognitivos e pragmáticos ao estudo da coerência textual” (KOCH, TRAVAGLIA, 2002: p.26-37).

Um texto não pode ser considerado (in)coerente a princípio, pois o reconhecimento da (in)coerência depende da interação construída entre os falantes a partir do texto, isto é, “depende da interação entre o texto, aquele que o produz e aquele que busca compreendê-lo”. A coerência estaria, portanto, “no processo que coloca texto e usuários em relação, numa situação dada” (*ibidem*).

Um texto incoerente ou um “não texto” seria aquele que não atende, em alguma medida, aos padrões de textualidade utilizados, não sendo comunicativo. Como ressaltado por Hanks ([1989] 2008 *apud* BENTES, REZENDE, 2008: p.31), um texto é “qualquer configuração de signos coerentemente interpretável por alguma comunidade de usuários”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As avaliações de incoerência sobre as falas que compõem nosso *corpus* são responsáveis por subverter (GRÉSILLON, MAINGUENEAU, 1984 *apud* KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2007) os sentidos construídos nas interações entre a presidenta Rousseff e sua audiência. Essas avaliações são produzidas a partir de fragmentos extraídos dos textos-fonte, desconsiderando os parâmetros relevantes (o texto integral, o contexto, o co-texto, a intencionalidade, etc) para a construção de sentidos condizentes com o “projeto de dizer” de Rousseff (GERALDI, 1997).

Nessas avaliações, não há comprometimento com os sentidos originalmente produzidos no momento da interação entre presidenta e sua audiência, mas somente com a produção de novos sentidos, que objetivam ridicularizar as falas e as imagens de Rousseff e de seu governo a partir de fragmentos que somente se recontextualizados são passíveis de serem avaliados como construções incoerentes. Tal como nas avaliações de incoerência das letras de MPB abordadas por Bentes (2012: p. 274-277), os produtores das operações de recontextualização desses fragmentos levam em conta tão somente seus próprios parâmetros de relevância na construção de incoerência sobre as falas da presidenta Rousseff.

Ressaltamos que as percepções de incoerência construídas são resultado de um processo de descontextualização/recontextualização de fragmentos dessas falas (BAUMAN, 2004 *apud* BENTES, REZENDE, 2008: p.41-44). Como demonstração, apresentaremos a seguir o fragmento utilizado (que estará em negrito) pelos agentes jornalísticos na repercussão de uma das falas de nosso *corpus*. Também serão apresentadas a duração da fala completa e a duração da ocorrência do fragmento operado pelos agentes.

Ao observar duas colunas produzidas por jornalistas da Revista Veja, é possível notar que esses agentes não parecem estar motivados a cooperar com a “proposta de

compreensão” (GERALDI, 1997) construída por Rousseff durante a sua fala na cerimônia de lançamento da primeira edição dos Jogos Indígenas.

Longe de serem interlocutores cooperativos e afáveis, que buscariam reconhecer a intencionalidade de Rousseff com sua fala, ou se empenhar em abordar de forma minimamente cordial os tópicos abordados pela presidenta nessa fala, os colunistas antes buscam recontextualizar (BAUMAN, 2004 *apud* BENTES; REZENDE, 2008: p.41-44) fragmentos da fala, extraíndo esses fragmentos de seus contextos originais, políticos e institucionais, para serem realocados em novos contextos, humorísticos e paródicos, com fins de ridicularização e de depreciação da imagem de Rousseff enquanto um quadro político do Partido dos Trabalhadores e uma mulher em exercício do Poder Executivo.

Principais tópicos abordados por Rousseff na fala		
Contexto de ocorrência	Duração da fala	Tópicos abordados
Cerimônia de lançamento do 1º Jogos Mundiais Indígenas, realizada no Estádio Mané Garrincha em Brasília/DF	21:31 (21min31s)	Contribuições dos povos indígenas
		Desenvolvimento sustentável
		Diversidade social
		Paz entre povos
		Inclusão social
Fragmento operado nas repercussões da Fala de Rousseff		
<p>[...] eu queria saudar, porque nenhuma civilização nasceu sem ter acesso a uma forma básica de alimentação. E aqui nós temos uma, como também os Índios e os indígenas americanos têm a dele, nós temos a mandioca. E aqui nós estamos comungando a mandioca com o milho. [...] Então, aqui, hoje, eu estou saudando a mandioca. Acho uma das maiores conquistas do Brasil.</p>		
Contexto de circulação	Duração do fragmento	Tópicos abordados
Matérias jornalísticas; Publicações de redes sociais; Comentários na imprensa; Compartilhamento de memes	00:10 (10s)	Suposta incoerência da “saudação da mandioca”
<p>■ Duração da Fala Completa (21min31s) ■ Duração do Fragmento (10s)</p> <p>Fala de Rousseff</p> <p>0:00 6:00 12:00 18:00</p>		

Vejamos, por exemplo, as colunas de Azevedo (2015) e Nunes (2015) que abordam a fala de Rousseff durante a cerimônia de lançamento do 1º Jogos Indígenas. Ambos não buscam tematizar de maneira objetiva, ou minimamente respeitosa, os tópicos abordados por Rousseff em sua fala - as contribuições sociais dos povos indígenas; o desenvolvimento sustentável; a diversidade social; a paz entre diferentes povos; a inclusão social. Se tematizam, essa tematização ocorre tão somente com o fim de ridicularizar algum fragmento.

Já no título de sua coluna, Azevedo (2015) questiona se a presidenta “encheu a cara de cauim”, uma bebida alcoólica tradicional de alguns povos indígenas brasileiros. Segundo o

jornalista, “a mulher” estaria cansada de governar o país, restando à presidenta “o vasto terreno da reflexão”. Rousseff teria “mandado brasa” na cerimônia de lançamento dos Jogos, quando “cantou as glórias da mandioca”. Azevedo compara a oratória da presidenta a de um “índio que estivesse com a cara cheia de cauim”.

Por seu turno, Nunes (2015) trata a fala de Rousseff como patológica e recomenda que a presidenta seja interditada. Segundo o jornalista, a “celebração da conquista da mandioca” realizada por Rousseff é responsável por torná-la “candidata à intervenção” psiquiátrica. Em vista do “palavrório sem pé nem cabeça” produzido pela presidenta, recomenda-se que a “Doutora em Nada” permaneça no Sanatório por tempo indeterminado. O “idioleto” supostamente criado por Rousseff confundiria seus interlocutores pelo “traíçoeiro terreno da ambiguidade”. Nunes sugere que o governo Rousseff, categorizado “o grande problema do Brasil”, seja interrompido com a interdição da presidenta “por falta de cérebro”.

As repercussões apresentadas nos parecem que buscam desconstruir a imagem pública da presidenta Rousseff ao ridicularizá-la em matérias jornalísticas. Nessas repercussões, se constrói a imagem de Rousseff enquanto uma mulher incompetente e dotada de má oratória, sendo a presidenta supostamente responsável por produzir falas incoerentes em relação à posição ocupada por ela. Constroem-se imagens vexatórias de Rousseff e de seu governo, bem como de sua fala, que é comparada à fala de um indivíduo embriagado e de um indivíduo que sofre algum tipo de transtorno mental passível de intervenção. A construção dessas imagens é resultado das produções textuais de agentes jornalísticos como Azevedo (2015) e Nunes (2015), à época colunistas da Revista Veja.

É nesse sentido que a linguista e prefeita de Juiz de Fora Margarida Salomão (DAHER, DE MEDEIROS, 2018) avalia a grande mídia como “um dos principais atores discursivos” na construção do quadro político brasileiro de 2016, quando ocorreu o processo de *impeachment* da presidenta Rousseff. A grande mídia, junto ao Judiciário, teria construído a prática discursiva que sustentou o “golpe de 2016”. Foi construído “um ambiente de desgaste, de erosão, inclusive *uma erosão profundamente misógina* da imagem da Dilma”.

CONCLUSÕES

A construção da coerência textual depende não somente da competência linguística do produtor do texto, mas sobretudo de uma atitude cooperativa de seus possíveis interlocutores em relação ao texto produzido e a quem o produziu. Essa atitude cooperativa não pode ser vista nas produções textuais de detratores de Rousseff, que buscam desconstruir a imagem da presidenta e de seu governo. Esses agentes levam em conta tão somente seus próprios parâmetros de relevância para avaliar as falas da presidenta como incoerentes.

O andamento da investigação nos leva a construir a hipótese de que Rousseff foi alvo de um trabalho de desconstrução discursiva que objetivou deslegitimar a sua figura e a sua governança, repercutindo na queda de popularidade de seu governo e também na não aceitação de sua reeleição para presidenta pelos opositores ao governo petista, culminando na execução do *impeachment* do segundo mandato eleito.

Também buscamos refletir sobre o impacto dos efeitos de sentido produzidos pela atuação dos agentes jornalísticos que detratam a presidenta Rousseff e suas falas públicas. Enquadramos as produções textuais desses agentes como parte da violência política de gênero (SAFFIOTI, 2001) praticada contra a presidenta em específico e, de forma mais ampla,

contra as mulheres que ousam atuar no campo político brasileiro, sobretudo aquelas optam por um posicionamento progressista e de esquerda.

A violência simbólica sofrida por mulheres progressistas e de esquerda na política brasileira não é novidade ou exclusividade de Dilma Rousseff e de seu partido, podendo também ser identificada na trajetória de outras mulheres que se destacaram no campo político e que se posicionam dentro do mesmo espectro ideológico, tais como Manuela D'Ávila (PCdoB), Marielle Franco (PSOL), entre outras.

Intencionamos, com o desenvolvimento desse projeto, refletir sobre as implicações éticas das práticas discursivas produzidas por agentes jornalísticos tais como colunistas da Revista Veja, que seriam em alguma medida responsáveis por essa “erosão profundamente misógina da imagem da Dilma” da qual Margarida Salomão trata em sua fala (DAHER, DE MEDEIROS, 2018).

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, R. Dilma encheu a cara de cauim? Ou: Presidente exalta a mandioca e as “mulheres sapiens”. Ah, se Tupã se zanga com ela... Ou ainda: Nasce o “Homo sapiens stultus”. Revista Veja, 24 de junho de 2015. Disponível em: <[Dilma encheu a cara de cauim? Ou: Presidente exalta a mandioca e as “mulheres sapiens”. Ah, se Tupã se zanga com ela... Ou ainda: Nasce o “Homo sapiens stultus” | VEJA](#)> Acesso em 26.04.2023.

BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). Introdução à linguística, domínios e fronteiras 1. São Paulo: Cortez Editora, 2001, p. 259-301.

BENTES, A. C.; REZENDE, R. C. Texto: conceitos, questões e fronteiras contextuais. In: SIGNORINI, I. (Org.). (Re) Discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola Editorial, p. 19-46, 2008.

DAHER, D. C.; DE MEDEIROS, V. G. Entrevista com a Prof^a Dr^a Margarida Salomão. Cadernos de Letras da UFF, v. 28, n. 57, p. 17-26, 2018.

GERALDI, J. W. Portos de passagem. São Paulo: Martins Fontes, 4. ed., 1997.

KOCH, I. G. V.. Introdução à linguística textual. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. Intertextualidade: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 3. ed., 2012.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. Texto e coerência. São Paulo: Cortez Editora, 8. ed., 2002.

_____. A coerência textual. São Paulo: Contexto Editora, 18. ed., 2021.

NUNES, A. Depois do rego oficial, Dilma exuma a mulher sapiens, celebra a conquista da mandioca e vira candidata à interdição. Revista Veja, 24 de junho de 2015. Disponível em: <[Depois do rego oficial, Dilma exuma a mulher sapiens, celebra a conquista da mandioca e vira candidata à interdição | VEJA](#)>. Acesso em 26.04.2023.

SAFFIOTI, H. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Cadernos Pagu, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: <[Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero](#)>. Acesso em 12.07.2023.